

Língua, território e cultura: antropotopônimos no ato de nomeação de praças públicas da cidade de Palmeira dos Índios/AL

Language, territory and culture: anthropotonyms in the act of naming public squares in the city of Palmeira dos Índios/AL

Maria Madalena Moura do Nascimento¹

Pedro Antonio Gomes de Melo²

Resumo: As pesquisas toponímicas estão em crescente produtividade no Brasil. Cada descoberta ligada ao ato de nomear lugares preenche as eventuais lacunas de estudo deste campo de saber interdisciplinar. Nessa direção, este artigo visa a pensar a relação entre território, cultura e língua destacando algumas abordagens e, sobretudo, como estes pensamentos contribuem para a compreensão das dinâmicas culturais que estão presentes nos nomes dos espaços públicos: as praças. Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de um estudo de natureza básica, do gênero teórico, de fontes secundárias, de abordagem qualitativa e objetivo descritivo. Embasado, no campo da Toponímia, pelas contribuições teóricas de Dick (1990 e desdobramentos); no campo dos estudos acerca de espaço por Santos (2005); Peixoto (2019) e no campo dos estudos acerca de Cultura por Laraia (2001). Como resultado, pontua-se que os topônimos de praças públicas da cidade de Palmeira dos Índios, no agreste alagoano, podem transparecer diversas singularidades culturais do território e de seus sujeitos, demonstrando elementos discursivos subjacentes às escolhas toponímicas no ato de nomeação desses espaços.

Palavras-chave: Toponímia. Território. Cultura. Nome de Praças.

Abstract: Toponymic research is growing in productivity in Brazil. Each discovery linked to the act of naming places fills in any gaps in the study of this interdisciplinary field of knowledge. In this sense, this article aims to think about the relationship between territory, culture and language, highlighting some approaches and, above all, how these thoughts contribute to the understanding of the cultural dynamics that are present in the names of public spaces: the squares. As for the methodological aspects, it is a study of a basic nature, of the theoretical genre, of secondary sources, with a qualitative approach and descriptive objective. Based, in the field of Toponymy, by the theoretical contributions of Dick (1990 and developments); in the field of studies about space by Santos (2005); Peixoto (2019) and in the field of studies on Culture by Laraia (2001). As a result, it is pointed out that the toponyms of public squares in the city of Palmeira dos Índios, in the agreste region of Alagoas, can reveal several cultural singularities of the territory and its subjects, demonstrating discursive elements underlying the toponymic choices in the act of naming these spaces.

Keywords: Toponymy. Territory. Culture. Name of Squares.

¹ Mestranda da Universidade Estadual de Alagoas, Campus I/Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC), Arapiraca, AL, Brasil. Endereço eletrônico: m.madalenanascim@gmail.com

² Doutor em Letras, Professor Titular da Universidade Estadual de Alagoas, Campus III, Palmeira dos Índios; Professor do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC), Campus I, Arapiraca, AL, Brasil. Endereço eletrônico: pedro.melo@uneal.edu.br

Considerações iniciais

A Toponímia é uma disciplina científica que estuda os nomes próprios de lugares, podendo ressignificar questões linguísticas e extralinguísticas que estejam ligadas aos signos toponímicos, isso é, ela “possui como eixo central de seus estudos as unidades lexicais designadas da função de nome próprio de lugar, topônimo (Melo, 2025, p. 45). Todavia, as pesquisas toponímicas (ou toponomástica) não apenas viabilizam o estudo acerca dessas questões, a toponímia também reflete e refrata, em muitos aspectos os valores, as crenças, os comportamentos dos sujeitos e de sua relação com a sociedade e o lugar nomeado.

Nos dias atuais, uma questão em evidência no debate toponomástico tem sido a sua dimensão interdisciplinar. Em outros termos, a “Toponímia não pode ser pensada desvinculada de outras ciências, pois a interdisciplinaridade é intrínseca a ela” (Bastiane; Andrade; Pereira, 2018, p. 112-113). Assim sendo, este artigo objetiva pensar a relação entre algumas abordagens de território, cultura e Toponímia para depreendermos a significação do léxico toponímico e das muitas interconexões dos indivíduos com a sua língua, sua história, suas crenças, sua identidade e de suas memórias com o espaço onde se inserem.

A nomeação de espaços públicos é uma atividade praticada há milênios, tal prática línguocultural atravessa o tempo, o ser humano necessita denominar, registrar, particularizar, singularizar o mundo à sua volta. Com efeito, ao pensarmos sobre as praças palmeirenses, percebemos que elas se mostram relevantes, não apenas por suas funções de: ambiente de convivência, lazer, recreação, interação, mas pelos vínculos com o povo que faz uso dessas praças, desses locais que integram a vida da sociedade.

No âmbito das pesquisas relacionadas à toponímia do território alagoano, considerando o contexto histórico-político-social em que surgiu e se expandiu, em diálogo interdisciplinar com elementos que permeiam as relações entre o território e a cultura. Melo (2025, p. 12) esclarece-nos que “ainda são escassas”. Por isso, na literatura toponímica alagoana, “ainda há lacunas significativas nesse tipo de abordagem acerca dos topônimos” alagoanos. Logo, justifica-se a relevância e atualidade deste texto.

Estudar seus nomes e sua motivação toponímica é trazer uma contribuição real que conecta a história à sociedade, espaço e inter-relações, viabilizando por meio da língua a compreensão das situações diversas do *modus vivendi* de sua coletividade. Além disso, é preciso, ainda, pensarmos nos conhecimentos desvelados oriundos de outras áreas de estudo, como o sujeito-nomeador considerou os fatos de sua história ao atribuir um nome a um dado espaço, do que está por trás de cada topônimo. Nesse sentido, cultura, identidade, memória, crença, questões político-ideológicas entre outros aspectos, podem dar sentido ao se atribuir um nome a uma praça.

Neste artigo, adotamos o conceito de sujeito-nomeador apresento por Melo (2024a) em seu dicionário toponímico. Trata-se de uma categoria toponímica:

[...] em diálogo com a noção de sujeito da Análise do Discurso (AD) na perspectiva do Materialismo Histórico, isto é, o sujeito-nomeador de um município alagoano não se refere a um indivíduo (um “eu” individual) com características psicológicas ou biológicas, mas sim à posição que ele (ou um grupo social por ele representado) ocupa em relação à linguagem e ao discurso. Essa posição se constitui por fatores históricos, sociais e ideológicos (Melo, 2024a, p. 19).

Este texto está assim dividido: considerações iniciais e mais duas seções fundamentais para a compreensão das abordagens e relações interdisciplinares que pretendemos evidenciar, a primeira seção traz a contextualização do universo da pesquisa: Palmeira dos Índios e os nomes das praças, a segunda seção traz os conceitos e reflexões acerca dos conceitos de Toponímia, território e Cultura e, sequencialmente, as análises de alguns nomes de praças, por fim, as considerações finais, seguidas das referências utilizadas neste artigo.

Do universo da pesquisa: Palmeira dos Índios e suas praças

Palmeira dos Índios é uma cidade que está enraizada em cultura. Localizada na região do Planalto da Borborema, região Intermediária de Arapiraca. É popularmente, conhecida como a Princesa do Sertão é o terceiro maior município do estado de Alagoas.

Ainda acrescentamos que, escritores como Graciliano Ramos, Luiz de Barros Torres são uma referência literária muito particular da cidade. Os pontos turísticos como o Cristo do Goití, a Casa Museu Graciliano Ramos e o Museu Xucurus atraem turistas e romeiros para visitas religiosas e culturais do lugar. A história de Palmeira dos Índios está na cultura, em seu nome, no modo de vida de seus habitantes, em suma, em todo o território. As terras que constituem Palmeira dos Índios, no passado, iniciaram ocupação pelos índios Xucuru e Kariri em meados do século XVII. A partir daí a história da cidade passou a ser contada pelos fatos que sucederam e que são fundamentais para a sua identidade hoje.

Entre 1661 e 1770 aconteceram frequentes negociações e trocas entre os senhores de sesmarias, muito comuns à época. Conta o historiador Luiz B. Torres (1975)³, por meio de suas obras, que só após este período, com a chegada de Frei Domingos, a história do lugar passou a ter novo holofote sobre si, que a colocaria nos escritos históricos por muitos e muitos anos. Frei Domingos de São José buscou realizar movimentos que pudessem converter mais índios ao Cristianismo e, assim, oferece aos habitantes originários pregações que converteriam, mais tarde, muitos adeptos para a religião Católica. Após grandes avanços

³ 21 de novembro de 1975, Luiz Torres lança o livro “A terra de Tilixi e Txiliá – Palmeira dos Índios nos séculos XVIII e XIX”, no salão do Aeroclube de Palmeira dos Índios.

territoriais e de desenvolvimento, Palmeira dos Índios, segundo IBGE (2023)⁴, foi denominada como distrito em 1798. Décadas de mudanças depois, já em 1963, a cidade passa a contar com uma divisão territorial de três distritos: Palmeira dos Índios, Caldeirão de Cima e Canafístula.

Atualmente, a cidade tem uma população de 71.574 habitantes (último senso)⁵. Trata-se de uma região que está localizada no Planalto da Borborema, região intermediária de Arapiraca. Possui terra fértil, formada por acidentes geográficos de serras: a Serra das Pias, Serra do Muro, Serra do Candará entre outras. As riquezas naturais do solo, fauna constituída por animais silvestres e uma flora de vegetação típica da região aliada aos aspectos culturais e históricos do lugar fazem de Palmeira dos Índios um território que reflete em si, o passado do seu povo, sua cultura, suas lutas, vivências entre outros aspectos que concorrem para a preservação de seu legado político-histórico-cultural.

Passados os anos, a vida urbana começa a se projetar naquelas terras, mais precisamente em torno de um quadro: casas, comércio, agitação de seus moradores e de outros que vinham para realizar comércio. Deram ao quadro inicial valor, e assim, aquele espaço passa a ser ter funções de uma praça. Assim sendo, a ideia de cidade começa a se tornar concreta, a partir do surgimento do entorno ao quadro da que viria ser praça. Isso revela-nos a importância desses espaços nos aspectos de desenvolvimento econômico, político e cultural do lugar. De acordo com Peixoto (2019, p. 74):

O surgimento da feira, a criação de uma área livre e a construção de casas após esse espaço se configura com a ideia de urbanidade e de crescimento que o frei defendia. Desse modo, ao perceber o crescimento da Vila, o frei, metaforicamente, denominou aquela área de Vale da Promissão, por acreditar em uma promessa de desenvolvimento rápido.

As praças públicas palmeirenses e seus nomes - espaços de territorialidades – evidenciam fatos do passado, marcam eventos do presente e, por meio da Toponímia, um recorte linguístico capaz de reverberar os traços de identidade, também preserva o legado histórico do saber local. Com efeito, as praças públicas são lugares ricos culturalmente, são verdadeiros arquivos de memórias.

Os nomes das praças de Palmeira dos Índios representam, além de tudo, uma relação com o sujeito-nomeador e/ou grupos sócio-político-econômicos por ele representado. Por isso, importa-nos, nesta breve ponderação, reforçar que o estudo de tais signos linguísticos, na função toponomástica, permite conhecer questões pretéritas e atuais referentes às

⁴ Elevado à categoria de vila com a denominação de Palmeira dos Índios, pela Resolução n.º 10, de 10-04-1835, desmembrada da Vila de Atalaia. Palmeira dos Índios sofreu diversas mudanças, desmembrando distritos e reforçando novas divisões territoriais, até chegar a divisão territorial atual.

⁵ Dados do panorama de Palmeira dos Índios podem ser consultados em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/palmeira-dos-indios/panorama>. Acesso em: 23 fev. 2025.

dinâmicas de organização e apropriação do espaço público desta cidade do interior de Alagoas.

Esses espaços públicos aproximam os moradores e outros indivíduos que apenas por elas transitam, pois são lugares de encontros e de lazer. Permitem conexões tanto no território nomeado quanto no entorno dele. Segundo Peixoto (2019, p. 96), “as praças são lugares para ver e ser visto, para comprar e fazer negócios, para passear e fazer política ou lugar privilegiado e tradicional de trocas, ponto de convergências de ruas e teatro de todas as forças sociais, eixo de cada movimento”. Desse modo, pensamos o topônimo como materialidades desses espaços que traduzem seus saberes locais. Conforme Melo (2024c, p. 225):

A escolha de nome próprio para nomear um lugar, no sistema onomástico, não se dá de maneira despropositada, neutra ou aleatória, mas intencional, que ocorre num contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos que, por sua vez, fazem parte de um universo sócio-histórico-cultural que deve ser estudado pelo pesquisador-toponimista.

Pelo supracitado, compreendemos que a partir do linguístico se solidificam as relações entre os grupos sociais, as expressões e as imposições de seus valores e memórias, tal como a sua capacidade de apropriar-se do espaço através da língua (topônimo). Assim, a escolha toponímica, no sistema onomástico, não se dá de maneira despropositada, mas como uma relevante estratégia de apropriação, que ocorre num contexto permeado por uma rede de fatores línguo-culturais.

Sob essa égide, podemos dizer que os nomes atribuídos às praças públicas palmeirenses, cidade localizada no interior da região do agreste de Alagoas, estão atrelados ao processo de expansão e ocupação do ser humano no território, quer seja uma praça de uso popular, quer seja uma praça menos conhecida, os nomes são materializações linguísticas dessas representações.

Dos estudos culturais: Uma reflexão sobre cultura

No âmbito dos estudos sobre cultura, Richard Hoggard, Raymond Williams, Edward Thompson e Stuart Hall se configuram como os principais expoentes dos estudos culturais. Considerados os pais dos estudos culturais, foram pioneiros da criação do (CCCS) *Center for Contemporary Cultural Studies na Universidade de Birmingham*, Reino Unido, na década de 60. As culturas estão em constante mudança, como sugere Stuart Hall (2011) ao tratar da *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*⁶. Lebrón (2013) em seu trabalho sobre *What is culture?* argumenta que a cultura é sobremaneira importante em tudo o que fazemos no

⁶ Hall aponta como mudanças estruturais afetaram as identidades culturais dos sujeitos, antes havia uma identidade bem definida na modernidade, agora, as identidades se fragmentaram, caminhantes para uma sociedade pós-modernas.

mundo e destaca os principais pontos acerca da noção de cultura por outros autores. Para uma interpretação de cultura é necessário voltar o olhar para as identidades nas diferentes sociedades, quer sejam individuais ou coletivas, nacionais ou não.

Moraes (2019, p. 170) expressa que

atualmente, a identidade é um conceito bastante discutido pelas teorias sociais, as quais procuram demonstrar, basicamente, que as velhas identidades, responsáveis pela estabilidade do mundo social, estão entrando em declínio e sendo substituídas pelas novas identidades, caracterizadas, entre outras coisas, pela fragmentação do indivíduo moderno, fato que, segundo o autor, tem promovido grande mudança estrutural nas sociedades.

Cada indivíduo, em sua busca por uma construção de identidade a faz dentro de uma cultura. Normalmente essa identidade é a representação de um discurso cultural, no qual esta identidade se encaixa, porém, os indivíduos passam a sofrer transformações em suas identidades ao longo do tempo, principalmente com o advento da modernidade tardia, como já afirmado por Stuart Hall. Os discursos culturais se mostram relevantes para entender os comportamentos humanos, bem como para interpretar a realidade na qual se inserem. Assim, os estudos culturais formularam um conceito que serve para criticar a realidade.

Para Giddens (2008, p. 30) “as identidades sociais implicam, então, uma dimensão coletiva, estabelecendo as formas pelas quais os indivíduos se assemelham uns com os outros”. Nessa perspectiva, o citado autor dialoga com Hall, e ainda acrescenta que os indivíduos tendem a ter uma identidade mais instável, que se ressignifica devido a vários fatores de seu entorno.

Nessa percepção, os estudos culturais vão se preocupar com o cotidiano, com o que é marginal. Desse modo, as culturas de massa passam a ser vistas como alvo para a metodologia dos estudos culturais, uma metodologia interpretativa. Desta feita, a área da Antropologia permeia um campo de tensão, no qual fica evidente a existência de um tensionamento próprio das culturas reprimidas pela imposição da cultura dominante da sociedade.

Ao relacionarmos essas ideias ao estudo da toponímia, percebemos que os nomes de praças espelham aspectos culturais, intelectuais, políticos, econômicos, sociais entre outros, como já mencionado. Assim sendo, a cultura é muito relevante quando tratamos de topônimos. Diversos autores, a exemplo de Laraia (2001), Giddens (2008), Geertz (2008) do campo antropológico e sociológico debatem acerca de qual é o ponto de partida para um conceito interpretativo de cultura.

O conceito de cultura é muito difícil de se definir, isto porque há diversas interpretações sobre o modo como as sociedades operam seu estar e fazer no mundo. Para Lebrón (2013, p. 126)⁷:

Cultura refere-se à sociedade e seu modo de vida. É definido como um conjunto de valores e crenças, ou um conjunto de comportamentos que compartilhamos com outras pessoas em uma determinada sociedade, dando-nos um sentimento de pertencimento e identidade.

Por meio dela partilhamos com outros o que somos e temos a oferecer em nosso modo de existência. Desta feita, a cultura é também, uma forma de se relacionar, de estar com o outro no mundo e de interagirmos por meio dela, fazendo uso de todas as particularidades do diálogo cultural.

A cultura tem muitas nuances que envolvem a sociedade e os indivíduos, a materialidade ou o simbólico. No entanto, parecem constituir o conceito de cultura, sem necessariamente, separar-se um do outro. Laraia (2001) afirma que a cultura é dinâmica. O referido autor argumenta que a cultura não está relacionada a fatores biológicos, pois os comportamentos culturais na sociedade são aprendidos, ou seja, os comportamentos não são associados ao determinismo biológico.

Nesse sentido, o citado autor, partindo de um conceito antropológico, explica, a partir da sua experiência com tribos, os diferentes comportamentos observados, distinguindo aquilo que é biológico, do que seria cultural. Essa maneira de formular um conceito de cultura no qual o autor se propõe ver de perto como os indivíduos participam de modo diferente de sua cultura, porém, mesmo com uma participação limitada, põe esse indivíduo sempre com alguma mínima participação que efetiva a relação desse indivíduo com os demais grupos de sua cultura (Laraia, 2001). Dessa maneira, não há uma cultura sem significados. Há normas e valores que regem os padrões de comportamentos sociais, que regem a convivência e o modo de agir na sociedade. Esses padrões são carregados de simbologia, diferem de uma sociedade para outra. Desse modo, o que é típico de uma cultura pode causar estranheza em outra.

Tais argumentos, observados a partir da nossa leitura, levam-nos a acreditar que os indivíduos partilham de suas culturas, pois desde que nascemos estamos imersos nos processos de desenvolvimento da infância. Ou seja, os comportamentos que são passados culturalmente, são aprendidos para que sejamos inseridos numa mesma cultura. Nesse sentido, ao pensarmos nas diversas formas de manifestação cultural na sociedade, não

⁷ Culture refers to society and its way of life. It is defined as a set of values and beliefs, or a cluster of learned behaviors that we share with others in a particular society, giving us a sense of belongingness and identity.

desvencilhamos dela a língua, pois ela está sempre cheia de sentidos, e por meio dela, formamos a linguagem com diversas formas de interação entre os sujeitos que as utilizam.

Os topônimos, nesse sentido, são signos da cultura. No entendimento de Melo (2024b, p. 66), “a cultura é formada pelos diversos fatores que estão na sociedade, envolvendo os aspectos econômicos, sociais, políticos e ambientais. Nessas áreas são produzidas ideias, conceitos e discursos”. Dado o exposto, percebemos que cultura é interpretação, é múltipla em significados, pois segundo Laraia (2001, p. 24), “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos [sic] pelas numerosas gerações que o antecederam”. O ser humano, a nosso ver, seria um produto resultante de sua cultura. Nela se utiliza de saberes e de práticas sociais diversas, que são refletidas em sua existência comunitária ou individual. A seguir, demonstramos algumas abordagens acerca da Toponímia, de território e de cultura e a argumentação de alguns teóricos, dessa maneira, destacamos a importância da inter-relação promovida pela Toponímia.

Da Toponímia e Cultura: uma relação indissociável

Toponímia - do grego *topos* e *onyma* nome de lugar - é um ramo disciplinar dinâmico e de caráter multi, trans e interdisciplinar que tem como objeto de estudo o léxico toponímico real (não potencial) e seu produto gerado: a palavra com função locativa e suas transformações ao longo do tempo (Melo, 2017, p. 48).

O topônimo, então, circunstancia o nome de qualquer espaço, pois “a língua reflete a sociedade de seu tempo e por isso não se separa do social, do cultural e do histórico (Melo, 2024b, p. 66). Entre outras percepções linguísticas, as disciplinas que estudam o léxico (Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Onomástica entre outras) esclarecem muitos pontos quando se trata da língua, mas o ato de nomear, particularmente, diz respeito à Onomástica, tanto ao se referir aos nomes dos lugares quanto aos nomes de pessoas, pois

a escolha de nome próprio para nomear um lugar, no sistema onomástico, não se dá de maneira despropositada, neutra ou aleatória, mas intencional, que ocorre num contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos que, por sua vez, fazem parte de um universo sócio-histórico-cultural que deve ser estudado pelo pesquisador-toponimista (Melo, 2024c, p. 224-225).

No Brasil, os estudos toponímicos são amplamente difundidos, inicialmente, a partir da Tese de Doutorado de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, apresentada na década de 1980, na Universidade de São Paulo/USP. E, posteriormente, publicada com outro título *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*.

A proposta Dickniana de classificação toponímica ainda é o modelo taxonômico mais referenciados nas pesquisas toponímias brasileiras, no entanto, outros pesquisadores, tendem a preencher as lacunas criadas pelas necessidades denominativas que surgem no ato de batismo de alguns nomes de lugares dentro do território brasileiro, assim sendo, novas categorias de taxes e subtaxes.

Para Dick, “a Toponímia reflete de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual, e enquanto membro do grupo que o acolhe, nada mais e que reconhecer o papel por ela desenvolvido no ordenamento dos cognitivos” (Dick, 1980, p. 5). A Toponímia, podemos deduzir, organiza as informações do nome, mesmo com o passar do tempo, os processos que envolveram o pensamento e o ato de nomeação podem ser reconstruídos, pois deixamos as pistas linguísticas e culturais para desvendarmos a relação sígnica.

Na história da humanidade, há um fato que não pode ser contestado: o de que cada povo tem a sua própria cultura, as suas tradições e os seus hábitos. Essa cultura manifesta-se por meio da língua utilizada pelas pessoas que compõem uma comunidade linguística, o que pode ser percebido, sobretudo, no âmbito do léxico (Isquierdo, 2019, p.11).

Portanto, ao afirmar que cada vez mais as pesquisas toponímicas exploram a inter-relação com outros campos de saberes: questões que envolvem o território, questões que passam pela memória de seu povo. A língua falada ou escrita se torna um meio de fortalecimento e de preservação da cultura humana e da integração em seu meio social.

A partir do surgimento da Linguística Moderna, as ideias de Ferdinand de Saussure influenciaram o debate acerca do signo linguístico no século XX, bem como em outras áreas das ciências, seu pensamento foi amplamente difundido por meio da obra *Curso de Linguística Geral*, publicada após sua morte. Ao tratar do signo linguístico, o linguista deixou a contribuição, dentre tantas, de que o signo tem caráter arbitrário, não-motivado, sendo assim, ele não sofre interferências externas ao seu significado, na visão do teórico a língua é regida por um sistema de signos e o seu funcionamento se define dentro de uma estrutura.

No entanto, quando pensamos no signo linguístico na função denominativa de lugar, ele se materializa na língua, como signo toponímico e, nesse contexto, ele é motivado e não arbitrário, sua escolha é influenciada/determinada pela realidade circundante, “que é valorizada pelo denominador no momento da nomeação, o que contraria, em parte, a tese da arbitrariedade do signo linguístico, tornando-o um signo linguístico especial” (Ramos *apud* Melo, 2008, p. 46). Isso, porém, não significa que haja um vínculo natural entre o nome e lugar por ele nomeado, isto é, não há uma relação direta entre linguagem e realidade, e sim um trabalho social, designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo situadamente.

Em suma, ao pensarmos em topônimo, que é também um signo linguístico no mundo onomástico, nos referimos a ele quando em função toponímica, porque influencia e é influenciado pelos fatores à sua volta. Ou seja, o signo toponímico possui caráter icônico, portanto, é motivado. Segundo Melo (2024c, p. 217-218), o topônimo consiste num

[...] subconjunto do acervo virtual e real de uma língua natural – que não apenas identifica espaços geográficos sob uma dimensão pontual (localização espacial absoluta), mas traduzem uma intencionalidade do sujeito-nomeador de expressar domínio do território, de referência identitária, de conhecimento e até de manifestação de poder.

Quanto à estrutura linguística formal, o signo toponímico é formado por dois formantes: um termo genérico, aquele que identifica o tipo de acidente, por exemplo: rios, mares, serras, cidades, bairros, ruas dentre outros, mais um termo específico, que o particulariza, significando-o, identificando-o. Nesse sentido, os topônimos são capazes de recompor a memória de um lugar, pois “insinuam pistas, sugerem caminhos interpretativos e podem resgatar memórias vivenciadas por gerações presentes e pretéritas” (Melo, 2024a, p. 9).

A compreensão do objeto de estudo da Toponímia é um dos pontos já consolidado nas pesquisas toponímicas (ou modernamente toponomástica), pois “o signo linguístico em função toponímica representaria uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica de seu significado” (Dick, 1980, p. 11). Ainda em complemento a essa afirmação, a atribuição de nomes de praças é uma prática social exercida pelos homens, isto quer dizer, que a nomeação destes espaços públicos faz parte da vida cotidiana, cultural e política dos indivíduos, representa ainda, uma forma de poder dos agentes de Estado, uma forma de discurso (utilizar-se de motivações diversas para o batismo dos espaços geográficos físicos ou humanos). Desta feita, entendemos a importância do estudo toponímico interdisciplinar.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade, coopera, grosso modo, para ampliar essa relação plurissignificativa nos topônimos. Nascimento, Andrade e Pereira (2018, p. 1006)⁸ afirmam, em um trabalho sobre a questão da interdisciplinaridade toponímica, que:

To reflect upon interdisciplinarity is to emerge at the points of agreement/disagreement among the various fields of knowledge (scientific, cultural, philosophical, literary, etc.), upon considering new horizons, new viewpoints, and new theoretical and methodological approaches geared toward the questioning of knowledge and of human valuation.

Em suma, o estudo toponímico se mostra como um instrumento primordial nas interações discursivas e, que os signos linguísticos são peças-chave na interpretação dos

⁸ Refletir sobre a interdisciplinaridade é emergir nos pontos de concordância/discordância entre os diversos campos do conhecimento (científico, cultural, filosófico, literário etc.), ao considerar novos horizontes, novos olhares e novas abordagens teóricas e metodológicas voltadas para o questionamento do conhecimento e da valorização humana.

discursos que estão subjacentes à adoção e ao uso de topônimos, dando assim, a Toponímia a tarefa de deixar transparecer aquilo que, muitas vezes, a linguagem humana destoa.

Das concepções geográficas de Território, Espaço ou Lugar

Evidenciamos, na seção anterior, que a toponímia produz reflexos culturais, políticos, sociais, religiosos, dentre outros, de relevância para os indivíduos, habitantes ou não de um espaço. Ao tratarmos das praças⁹ - espaços públicos - que correspondem aos lugares administrados pelo governo e de usos da sociedade em geral, tratamos de evidenciar, os aspectos que estão interligados aos nomes desses lugares e a relação entre a Toponímia e as categorias deste estudo.

A dinâmica do espaço, território, territorialidade, o simbólico e o lugar, de modo breve, são definidas aqui pelos argumentos de geógrafos como Santos (2005), Silva (2015), Haesbaert (2011) e, Saquet e Silva (2008) entre outros, que dialogam e/ou discordam em algum aspecto, porém, cada abordagem se revela necessária para o entendimento por um conceito de território que abarque todas as dimensões humanas, geográficas, culturais, econômicas entre outras. Assim sendo, as discussões se pautam na busca de um conceito multifacetado, no qual se verifica que o território não pode ser compreendido apenas por um ponto de vista geográfico físico, mas também transformados pelos objetos que o animam.

Rogério Haesbaert, geógrafo brasileiro, conhecido dentre tantas contribuições na área da geografia por explorar a relação dos conceitos de território, as várias categorias, desterritorialização, multiterritorialidade, territorialidade, afirma que o conceito de território possui significativa amplitude. Isso quer dizer que outras áreas abordam o conceito de território dando ênfase para perspectivas que também definem o conceito de território, assim sendo, se faz necessário enfatizar que muitos autores falam da complexidade de conceituá-lo.

No *Mito da Desterritorialização*¹⁰ (2011), sobretudo no capítulo: *Definindo território para entender a desterritorialização*, o autor explica que

apesar de ser um conceito central para a Geografia, território e territorialidade, por dizerem respeito à espacialidade humana, têm uma certa tradição também em outras áreas, cada uma com enfoque centrado em uma determinada perspectiva. Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto "força produtiva"); a Antropologia destaca sua dimensão

⁹ Referimo-nos aos nomes destes espaços públicos, no âmbito geográfico, ora como nome de lugar, ora como espaço geográfico.

¹⁰ Haesbaert (2011) afirma que o Mito da desterritorialização é o mito dos que imaginam que o homem pode viver sem território, que a sociedade pode existir sem territorialidade, como se o movimento de destruição dos territórios, não fosse sempre, de algum modo, sua reconstrução em novas bases.

simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do "neotribalismo" contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo. (Haesbaert, 2011, p. 37-38).

Adicionalmente, o autor aborda aspectos de multiterritorialidade, uma vez que os indivíduos e grupos sociais que habitam o território produzem territorialidades e essas, coexistem, se inter-relacionam. A multiterritorialidade gerada, para o autor, encerra o fim do território, ou seja, do mito de seu desaparecimento.

Nessa perspectiva de Haesbaert não há como pensar no território sendo um espaço delimitado, restrito; o *espaço*, dessa maneira, é um aspecto do território, tão amplamente debatido entre os pesquisadores, quanto o próprio conceito de território. Outra questão que se faz necessário apontar é a noção de espaço. O espaço é uma categoria de estudo geográfico e, o território, o conceito, assim distinguimos sob a ótica das reflexões assimiladas em nossas leituras.

Dado o exposto, para correlacionar os conceitos, reafirmamos o que Isquerdo (2023, p. 8) evidencia sobre os topônimos, de modo geral “atribuir nomes a referentes do lugar em que vive é uma prática milenar como uma forma de o homem situar-se no espaço, marcar território, enfim, garantir o seu “poder” sobre novos lugares”. Nos lugares a vida flui, as relações acontecem, mudam, moldam o sujeito, conseqüentemente, o território.

Um conceito de território que destacamos, está em *Território: uma revisão conceitual* de Silva (2015, p. 64) ao afirmar que

o território é um espaço de muitas relações, o que ele tem de comum é ser o nosso quadro de vida. Ele será sempre, e primeiramente, um espaço de dominação/apropriação; dominação no sentido de que ele envolve todas as forças e todos os poderes (controle territorial, econômico ou político), e de apropriação tanto material quanto imaterial.

Assim como o território pode ter diferentes conotações, ao tratar da questão das identidades e da globalização, Stuart Hall (2011) define, em associação a um pensamento de Giddens, que “o ‘lugar’ é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (Hall, 2011, p. 72, grifo do autor). Nessa perspectiva, o autor explica que espaço e lugar se separam, pois, a Modernidade vem trazer relações entre aqueles que não estão presentes no local, assim, o que nas sociedades antes era amplamente coincidente, hoje se afetam nas ausências.

Consideramos importante ainda, destacar uma definição do conceito de geografia proposta por Saquet, que dialoga com os argumentos postos neste trabalho sobre território.

O autor define que “a geografia é a ciência que estuda a organização social do espaço como processualidade interdisciplinar ou, mais precisamente, as intervenções que a sociedade executa na natureza, “devendo indicar caminhos para a sociedade” (Saquet, 2011, p. 10). Já a visão de Milton Santos sobre território é uma das mais citadas e debatidas, pois para o autor,

o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí” (Santos, 2005, p. 255).

Nesse sentido, a noção que o geógrafo impõe é a de uso do território em sua totalidade. Considerando essas abordagens, sobretudo a de Santos ao propor que o uso do território é quem produz o espaço, o espaço, pois, é ocupado pelos indivíduos que nele se realizam e utilizam o espaço que, transformado, não se restringe a ideia de uma limitação territorial, desta forma, “o espaço geográfico é organizado pelo homem vivendo em sociedade e, cada sociedade, historicamente, produz seu espaço como lugar de sua própria reprodução” (Saquet; Silva, 2008, p. 8).

Ao refletirmos sobre as noções aqui expostas, não estamos adotando um conceito ou uma abordagem como certa, definida, mas trazer tais abordagens auxiliam o nosso estudo, e podemos ver em que ponto convergem com a toponímia. Desse modo, ao interpretar a noção de território, lugar ou espaço, o topônimo como uma representação do real envolve tantos os aspectos que estão subjacentes ao signo, quanto aqueles que estejam presentes no ambiente referenciado.

Análise e discussão dos dados

O *corpus* desta pesquisa foi composto por 31 nomes de praças públicas da cidade de Palmeira dos Índios levantados junto à Secretaria Municipal de Urbanismo na Prefeitura de Palmeira dos Índios – AL. Destacamos, a seguir, os nomes referentes as praças públicas correspondente a área urbana, a saber: (1) Praça Abdon Granja, (2) Praça da Bíblia Isaac Barros, (3) Praça da Catedral, (4) Praça da Coberta, (5) Praça Desportista Aldemir Araújo Ferreira, (6) Praça Dr. José Valdomiro Mota, (7) Praça Francisco Cavalcante, (8) Praça do Ifal, (9) Praça da Independência, (10) Praça Humberto Mendes, (11) Praça Hélio Teixeira, (12) José Bezerra da Silva, (13) Praça Liberalina Nonato (14) Praça Lili Barros, (15) Praça Manoel Pereira da Silva, (16) Praça Monsenhor Macêdo, (17) Praça Moreno Brandão (18) Praça Nilo Torres, (19) Praça Nossa Senhora Aparecida, (20) Praça Padre Cícero, (21) Praça do Rosário, (22) Praça Rosendo Rodrigues de Oliveira, (23) Praça Rozendo de Oliveira, (24) Praça São Cristovão, (25) Praça São Francisco de Assis, (26) Praça São Pedro, (27) Praça São Vicente,

(28) Praça Sebastião Ramos de Oliveira, (29) Praça Tabelião Margarida Leite, (30) Praça do Tanque (31) e Praça Zeca Leôncio (TG).

Apresentamos, nesta seção, apenas seis nomes de praças palmeirenses nomeadas por meio de antropotopônimos. Em Dick (1992) depreende-se os Antropotopônimos como topônimos relativos aos nomes próprios individuais, neste trabalho, os nomes são: Praça *Humberto Mendes*, Praça *Hélio Teixeira*, Praça *Francisco Cavalcante*, Praça *Moreno Brandão*, Praça *Sebastião Ramos de Oliveira* e José *Bezerra da Silva*, observada a classificação toponímica de Dick, ou seja, estes nomes dizem respeito a taxionomia de natureza antropológica.

Neste estudo, os dados e informações acerca de tais nomes foram coletados mediante consulta bibliográfica e documental. As informações serão dispostas a seguir em fichas lexicográfico-toponímicas, descrevendo o topônimo, a taxa, localidade, etimologia, estrutura, nota e fonte.

Dos nomes de algumas praças públicas da cidade de Palmeira dos Índios: análise e interpretação dos dados

(01) *Praça Humberto Mendes*

Topônimo oficial: Praça Humberto Mendes

Taxe: Antropotopônimo

Localidade: Bairro Centro

Etimologia do topônimo: *Humberto*, alto-alemão antigo, significa: “resplendor, brilho (bert) de gigante (huni.)”. *Mendes*, sobr. port. em vez de Mêndez, patrono de Mendo. F. arc.: Mêendiz, Menindiz, Menendiz. “Em Portugal há dois ramos dos Mendes, um dos quais originário da Galiza.” Guérios (1994).

Estrutura Morfológica: Composto, *Humberto* formado¹¹ por MGD *hum* + ML *-bert* + VT *-o*; *Mendes*, ML *Mend* + MGD por sufixo *-es*.

Nota: *Humberto Mendes* foi um deputado no ano de 1954 que recebeu diversas homenagens após sua morte. Humberto Mendes era da família dos Mendes, filho de Antero Mendes e Amélia Correia Paes. Enquanto político, Humberto Mendes, que havia dito que a destituição do governador somente aconteceria por cima do seu cadáver, foi vítima fatal do tiroteio que aconteceu no plenário da Assembleia Legislativa. Muniz Falcão foi afastado três dias depois, mas voltou ao poder por decisão da Justiça no dia 24 de janeiro de 1958. Havia perdido seu

¹¹A descrição das abreviações corresponde a f. (forma) de MGD (Morfema Gramatical Derivacional), MGF (Morfema Gramatical Flexional), ML (Morfema Lexical), VL (Vogal de Ligação) e VT (Vogal Temática) realizada com base em Câmara Jr. (2000, p. 72), argumenta que “a depreensão das formas mínimas, ou morfemas, constituindo o vocábulo formal unitário se chama análise mórfica.

sogra e principal escudeiro nos embates políticos com o poderoso grupo oposicionista, mas conseguiu recuperar a maioria dos deputados nas eleições de outubro de 1958 e concluir o seu governo em 31 de janeiro de 1961. O deputado fora assassinado no tiroteio da Assembleia. Foi construído, ainda, em 1960, o Colégio Estadual Humberto Mendes. Antes disso, em 1958, Muniz Falcão inaugurou a Cidade de Menores Humberto Mendes, no Tabuleiro dos Martins, em Maceió - Complexo Humberto Mendes. A Avenida Humberto Mendes em Maceió, que margeia o Riacho Salgadinho também é uma homenagem ao político. Não há registro de mudança toponímica desta praça, porém, a praça Humberto Mendes é popularmente conhecida pelo topônimo popular *Praça do Skate*. *A praça do Skate foi projetada em seu projeto paisagístico com uma pista para essa prática esportiva, que é comum entre os jovens da cidade até os dias de hoje*. Em 2011, iniciou-se o projeto de reforma da praça e a pista de skate foi mantida na reforma¹².

No caso (01), identificamos que o antropotopônimo faz homenagem ao deputado Palmeirense Humberto Mendes pelo papel político que desempenhou entre os anos de 1954 e 1958. A política é um dos elementos construtivos da história de desenvolvimento econômico da cidade, sendo difícil desvincular este fato da memória e da identidade do lugar. Notamos também que a motivação do nome desse espaço está ligada ao sobrenome da família que desempenhou algum papel na formação político administrativa da cidade. Outro aspecto que diz respeito à essa praça são as atividades que são desenvolvidas na praça, uma delas ligada ao nome popular de Praça do Skate. A prática esportiva e de recreação dos skatistas e adeptos de outros esportes, foi por muitos anos foi exercida na praça, que se tornou uma referência para a juventude e população geral. Dessa maneira, passou a ser conhecida por seu nome popular, assim este nome carrega simbolismos, atribuindo ao nome e ao local o aspecto cultural que dá aos jovens o poder de apropriação do espaço para realizar as suas ações e interações discursivas.

(02) *Praça Hélio Teixeira*

Topônimo oficial: Praça Hélio Teixeira

Taxe: Antropotopônimo

Localidade: Bairro Centro

Etimologia: *Hélio*, -a, do gr. Hélius: “sol; o deus sol”. *Teixeira*, sobr. port. top.: “lugar onde há teixos (árvore conífera)”. Os Teixeiras procedem de D. Egas Táfez, filho de Táfez Luz, alferes do Conde D. Henrique. Guérios (1994).

¹² Fonte: www.historiadealagoas.com.br/familias-na-politica-alagoana-do-seculo-xx-6-mendes.html

Estrutura Morfológica: Constituído pela f. ML: *Héli-* + MGF *-o*. E pela f. ML *Teix-* + VL *(-e)* + MF por sufixo *-ira*.

Nota: A praça Hélio Teixeira foi reinaugurada no dia 25 de março de 2023. *Seu topônimo faz referência ao jornalista palmeirense Hélio Teixeira dos Santos.* Hélio foi um ilustre morador da cidade de Palmeira dos Índios, que também foi membro da Academia Alagoana de Imprensa e da Academia Maceioense de Letras, faleceu aos 26 anos, em 1966, vítima de um atropelamento em Maceió. Nascido em Palmeira dos Índios, em 23 de julho de 1940, filho de Luiz Teixeira dos Santos e Maria Isabel Teixeira dos Santos, Hélio Teixeira dos Santos era o primogênito de uma prole de três filhos. Viveu a maior parte de sua vida em Palmeira dos Índios, onde se dedicou às causas políticas e sociais. Dentre tantas atividades, teve uma vida dedicada a várias causas, Hélio Teixeira, ainda pertenceu a Academia Alagoana de Imprensa e a Academia Maceioense de Letra. Não deixou livro publicados, mas uma coletânea de dezenas de artigos editado no Jornal de Alagoas, e em sua coluna “Rabisco da Princesa”, que integram os arquivos do escritor Ivan Barros¹³.

No caso (02), identificamos que o antropotopônimo tem como motivação para a nomeação uma homenagem a figura do jornalista palmeirense Hélio Teixeira dos Santos. Hélio teve tanto a sua vida profissional quanto vida particular marcadas na história da cidade. A memória toponímica traz à tona não somente questões da vida do jornalista Hélio, mas uma projeção da questão local e cultural reforçada no léxico, pois o nome do jornalista palmeirense materializa um *status adquirido* socialmente, atribuindo aos espaços públicos no ato de nomeação também homenagens culturais.

(03) *Praça Francisco Cavalcante*

Topônimo oficial: Praça Francisco Cavalcante

Taxe: Antropotopônimo

Localidade: Bairro Centro

Etimologia: Francisco, -a, de origem lat: med., Franciscus latinização do antrop. S. Francisco de Assis (c1182-1226). + Cavalcanti, s. port. Guérios (1994); Cunha (1996).

Estrutura Morfológica: Composto, constituído pela f. ML: *Franc-* + MGD *-isc*. + MGF *-o*. E pela f. ML *Cavalcant-* + VT *-e*.

Nota: Fundada em 1940, a praça Francisco Cavalcante, mais conhecida pelo topônimo popular praça das Casuarinas, “do lat. Casuaris, sf. designação comum a várias plantas ornamentais originárias da Austrália, 1899”, é uma das praças mais antigas e renomadas da cidade de Palmeira dos Índios. *Seu topônimo oficial faz homenagem ao ex-prefeito da cidade*

¹³ Fonte: <https://apalca.com.br/patronos/helio-teixeira-santos/>

Francisco Cavalcante (1937-1941). A praça das Casuarinas a época de sua fundação, em meados de 1877, era um largo e quando os viajantes vinham da capital, pela Rua Boca de Maceió, avistavam esse largo ao longe, por isso, foi transformado por Francisco Cavalcante em uma praça no período de 1937-1941. Francisco considerava que o lugar era um ótimo local para recepcionar os visitantes, plantou na praça várias casuarinas, dessa forma, a praça passa a ser chamada pelos moradores pelo fitotopônimo Casuarinas. A primeira mudança toponímica registrada foi a de Praça Guedes Gondim (anterior a 1937), posteriormente, passa a ser chamada Praça Francisco Cavalcante (1941). Anos depois, pela reivindicação dos moradores próximos, as casuarinas foram cortadas e no governo de Enéas Simplicio a praça foi nivelada com a rua de baixo. A mudança de projeto paisagístico passa a ocorrer entre 2018-2021, sendo reinaugurada em 2022 com uma nova estrutura¹⁴.

No caso (03), identificamos, novamente, que o antropotopônimo tem como motivação a homenagem à figura pública da cidade. A praça das Casuarinas passou por uma reforma no ano de 2022. Isso se deve ao fato de o espaço público ter ficado mais de 50 anos sem revitalização. Por ser considerada uma forma de homenagem ao ex-prefeito, esse aspecto se mantém preservado no léxico, demonstrando que esse tipo de escolha denominativa é também uma forma de apropriação dos espaços. Uma outra questão a ser observada é o fato de se manterem os aspectos de natureza física na memória e vivências dos habitantes, reconhecendo a praça por sua característica que era mais evidente à época: a abundância de plantas casuarinas. Esta escolha popular também demonstra a força denominativa da coletividade no ato de eleição toponímica.

(04) *Praça Moreno Brandão*

Topônimo oficial: Praça Moreno Brandão

Taxe: Antropotopônimo

Localidade: Bairro Centro

Etimologia: *Moreno*, -a, n. e sobr. Port. “alunha: de cor morena” + *Brandão*, deriv. de Brandião do lat. medieval Brandanus, Brendanus. “Sobr. de família antiga originária da Normandia: Fernão Brandon”.

Estrutura Morfológica: Constituído pela f. MG *Moren-* + VT *-o* + MG, *Brand-* + MGD *-ão*.

Nota: Esta praça já teve o nome de Praça Costa Rego - homenagem ao Governador de Alagoas - quando por volta de 1934, o então prefeito major Antônio Pantaleão cria a praça, mas somente anos depois, esta teve sua nomenclatura alterada e passou a chamar-se Praça

¹⁴ Fonte: <https://gpnordestancas.wixsite.com/mapeamentocultural/palmeira--praa-das-casuarinas>

Moreno Brandão. *A praça Moreno Brandão foi criada em 1934 e tem como motivação a homenagem a este personagem da política alagoense*. Moreno Brandão foi considerado muito importante para a historiografia alagoana. Foi jornalista, poeta, romancista e historiador. Nasceu em Pão de Açúcar, Alagoas, no dia 14 de setembro de 1875, Francisco Henrique Moreno Brandão era filho do alagoano dr. Félix Moreno Brandão e de Maria Aguiar Moreno Brandão. Brandão foi também professor, destacou-se também como poeta, romancista e historiador, sendo eleito Deputado Estadual na legislatura de 1921 a 1924, foi autor de muitas obras literárias, porém, aposenta-se no dia 19 de agosto de 1931. Aos 63 anos de idade, adoeceu, passando vários meses doente, até que faleceu no dia 27 de agosto de 1938, em sua residência no bairro do Farol, Maceió. A Praça Moreno Brandão é conhecida ainda, por seu topônimo popular Praça do Açude e Praça da Índia. Em seu entorno existe o açude do Goití, que se tornou um ponto de atração turística na cidade, outra característica é a presença da estátua da Índia, localizada na fonte, ao centro da praça, símbolo que traz o contexto da lenda de batismo do nome da cidade e da presença indígena na constituição e formação do município de Palmeira dos Índios¹⁵.

No caso (04), identificamos que o antropotopônimo tem como motivação a homenagem a figura política. O nome Brandão pertence à família dos Brandão, sobrenome que representa a importância de alguns membros de famílias tradicionais em Alagoas, dessa forma, o ato de denominação dessa praça revela uma tendência de apropriação do espaço público por meio de sobrenomes da política.

Características do ambiente físico se evidenciam no nome da Praça Moreno Brandão e, estão ligadas à lenda de fundação da cidade e aos elementos que a constituem, como a estátua da Índia e o lago do Goití. Popularmente, a praça é conhecida por Praça do Açude, pois o açude do *Goití* - imenso lago localizado em seu entorno. O nome popular Praça da Índia, se deve ao fato de no meio da praça existir uma fonte d'água com a estátua de uma indígena, e tem como motivação para o nome da cidade a famosa lenda dos Índios Tilixi e Txiliá - a narrativa diz que a jovem indígena era prometida do Cacique Etafé, mas apaixonada pelo primo Tilixi. O destino dos dois foi selado por uma flecha lançada por Etafé, que atinge os dois, acabam morrendo e, assim, no lugar de seus corpos nasceu uma palmeira, que veio a ressignificar aquela trágica história do amor.

Numa das principais praças do Centro da cidade, está localizada a Praça Moreno Brandão, com a estátua da Índia, fixada no topo de uma fonte, representando a lenda da cidade, bem como, é um símbolo da cultura que está presente na história do povo. No entanto,

¹⁵ Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/moreno-brandao.html>

há outra explicação para a motivação toponímica do nome da cidade, que faz alusão à característica local, que nos parece completar ainda mais a significação do nome da cidade:

Diz a tradição que, no local onde hoje está situada a cidade, era comum a existência de palmeiras e, por isso, lhe foi dado o topônimo de Palmeira dos Índios, caracterizando seu nome, no Modelo Teórico Taxionômico Toponímico apresentado por Dick (1990), como um fitotopônimo – nome de lugar alusivo à vegetação local (Melo, 2015, p. 71).

Essa característica físico geográfica torna o nome popular da praça um elemento cultural muito particular, mantendo viva a história da lenda folclórica de fundação da cidade. O elemento água, em virtude da existência do lago do Goití, materializa no nome do topônimo a relação do homem com a manutenção vida e da natureza de modo geral, uma vez que existem várias paisagens naturais que permanecem preservadas na cidade, como o lago do Goití, os coqueiros gigantes de algumas vias e praças, as serras, as matas nativas, a barragem da Carangueja. Dessa maneira, a relação entre a cultura local e o território palmeirense é um dos aspectos a serem destacados em nossa análise.

(05) *Praça Sebastião Ramos de Oliveira*

Topônimo oficial: Praça Sebastião Ramos de Oliveira

Taxe: Antropotopônimo

Localidade: Bairro Centro

Etimologia: *Sebastião*, lat. Sebastianus, do gr. Sebastianós, f. ampliada de Sebastós: “augusto, magnífico, venerável”. + *Ramos*, sobr. port., prov. de origem cristã: refere-se à festa dos Ramos ou domingo de Ramos. + *de* prep. + *Oliveira*, sobr. port. top.: “árvore azeitona”. Guérios (1994).

Estrutura Morfológica: Constituído pela f. MG *Sebast-* + VL *-i* + MGD *-ão*, Ramos formado por MG *Ram-* + VT *-o* + MGD *-s*, + Oliveira formado por MG *Oliv-* + VL *-a* + MGD *-eira*.

Nota: O nome da praça Sebastião Ramos de Oliveira tem como motivação a homenagem ao pai de Graciliano Ramos, que foi morador da cidade de Palmeira dos Índios/AL e participante de sua história de desenvolvimento econômico e cultural. No dia 13 de junho de 1895, o coronel Sebastião Ramos de Oliveira, decidiu ir morar com a família em Pedra de Buíque, pequeno povoado do agreste de Pernambuco. Apesar de ser uma região muito próspera, o coronel e sua esposa decidiram se mudar outra vez. Em novembro de 1899, a família Ramos foi morar na cidade alagoana de Assembleia (Viçosa). Nasceu em 1860 em Viçosa/AL, e faleceu em 18 de novembro de 1934 em Palmeira dos Índios. Foi casado com Maria Amélia Ferro e Ramos, filha do então Coronel Pedro Ferreira Ferro e Dona Tereza Maria de Jesus, moradores em Buíque/PE. Da união de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro e Ramos nascem 15 filhos, sendo Graciliano Ramos o primogênito. Sebastião Ramos de

Oliveira migra para Palmeira dos Índios na década de 20, juntamente com sua família, faz sociedade com seu filho Graciliano Ramos na empresa Ramos & Filho. No ano de 1917, Sebastião Ramos deixa a sociedade do negócio com o filho, passando-as na mão de Graciliano Ramos, conforme a declaração do Jornal Diário do Povo. São filhos de Sebastião: Graciliano, Leonor, Otília, Clodoaldo (I), Otacília, Clodoaldo (II), Amália, Anália, Marili, Carmem (I), Carmem (II), Clélia, Lígia, Vanda, Clóvis, Heitor. Da união com Maria Amélia nasce, em 27 de outubro de 1892 em Quebrangulo, o ilustre romancista Graciliano Ramos. A cidade de Palmeira dos Índios, homenageou o pai de Graciliano batizando com seu nome outros logradouros e também, com o nome do romancista¹⁶.

No caso (05), identificamos que o antropotopônimo Praça Sebastião Ramos de Oliveira tem como motivação a homenagem ao pai de Graciliano Ramos, comerciante local, coronel e proprietário de terras na cidade. A história da família Ramos se estende desde o tempo do coronelismo à história política e literária do ex-prefeito e romancista Graciliano Ramos. As vivências retratadas pelo autor em diversas obras e documentos oficiais foram de suma relevância para a compreensão do papel que o coronel Sebastião teve e desempenhou na cidade e na vida de Graciliano. Em alguns registros históricos, a presença da figura paterna do Coronel Sebastião Ramos é marcada por traços da relação pessoal fria com o romancista e com a família, porém, o coronel Ramos é retratado como alguém que significativamente contribuiu com o desenvolvimento econômico da sociedade palmeirense. Assim, a presença do nome dele revela a existência de uma estrutura de poder na qual as famílias tradicionais, proprietárias de grandes terras detinham em Palmeira dos Índios, tanto os comerciantes locais quanto as instituições familiares do passado e do presente continuam a reproduzir seus nomes nas escolhas toponímicas do sujeito-nomeador para o batismo de espaços públicos.

(06) *Praça José Bezerra da Silva*

Topônimo oficial: Praça José Bezerra da Silva

Taxe: Antropotopônimo

Localidade: Bairro Tenório Cavalcante

Etimologia: José, hebr. Joseph, lehussef; “Ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente (com outro filho)”. (Gên 30, 24). *Bezerra*, sobr. port. do ESP. Becerra; primit. Alcinha fem. De becerro, “bezerro”. Este sobrenome já se menciona em “Nobilário” do Conde D. Pedro. “Acham-se em tempo de el-rei D. Sancho II.” Da, prep. (de + a), *Silva*, sobr. port. top. Lat. silva: “selva, floresta”, e n. de várias plantas. “É uma das famílias mais ilustres de Espanha;

¹⁶ Fonte: <https://graciliano.com.br/>

tem seu solar na Torre de Sylva, de d. Payo Guterre da Sylva, que foi adiantado de Portugal em tempo de el-rei D. Afonso I.”

Estrutura Morfológica: Hibridismo. Constituído pela f. ML *Jos-* + VT *-é*, pela f. ML *Bezerr-* + MGF *-a*, prep. da (de + a) + f. ML *Silv-* + VT *-a*.

Nota: A praça José Bezerra da Silva também conhecida por seu topônimo popular Praça da Maçonaria tem como motivação a homenagem ao maçom José Bezerra da Silva - pai de Marcos Bezerra, conhecido como Parreco - pelos relevantes serviços prestados à comunidade da Maçonaria. José Bezerra da Silva foi secretário do DNOCS e membro da Loja Maçônica União Palmeirense da cidade de Palmeira dos Índios. A Maçonaria é uma instituição presente na cidade de Palmeira dos Índios há muitos anos, a loja União Palmeirense nº 1454 foi fundada em 03 de dezembro de 1955 na cidade, possui outras lojas espalhadas em vários municípios alagoanos. De frente a praça José Bezerra também se localiza a Escola Estadual da Maçonaria de ensino fundamental I, que atende a comunidade circunvizinha. O bairro, apesar de receber oficialmente o nome de Tenório Cavalcante, é comumente chamado de bairro da Maçonaria, o que demonstra a história, força e influência dos maçons no território. Atualmente, a praça passou por reforma na atual gestão do Prefeito Júlio César (2018-2021) e (2022-2024), sendo reinaugurada no dia 04 de fevereiro de 2023 e denominando-a pelo nome do maçom¹⁷.

No caso (06), identificamos que o antropotopônimo Praça José Bezerra tem como motivação a homenagem a figura maçônica da cidade. A presença dos maçons em Palmeira dos Índios evidencia a sua efetiva participação política e social em eventos públicos, projetos da cidade e sobretudo, como exercem influência nas mudanças de vida da comunidade. Os maçons desempenham trabalhos e atividades no bairro, assim, o léxico de praça deixa subjacente o fato de que os maçons exercem são atuantes no cotidiano dos moradores. A Maçonaria, como o bairro é popularmente conhecido, revela em seu nome ainda a força impositiva e de escolha denominativa de alguns lugares, onde a presença de maçons é frequente.

Após a análise e interpretação dos antropotopônimos atribuídos às praças públicas da cidade de Palmeira dos Índios/AL, destacamos que esses seis nomes de praças possuem como motivação a homenagem às figuras de destaque do cenário político e/ou histórico da cidade, com a intenção de marcar o território. Nesses nomes estão materializados o que está por trás dessas nomeações, que é o discurso de perpetuação do nome ou do sobrenome das famílias que detém poder político/econômico na sociedade.

¹⁷ Fonte: <https://palmeiradosindios.al.gov.br>

Quanto à cultura, os nomes desses espaços públicos estão ligados às questões simbólico-culturais diversas, materializando o *modus vivendi*, pois a cultura diz respeito à sociedade e a forma como ela se organiza, compartilhando suas normas, seus valores, suas crenças, gerando nesses indivíduos o sentimento de pertencimento à uma determinada cultura e refletindo a sua identidade.

Em relação ao território, os nomes das praças podem traduzir, simbolicamente, o espaço geográfico, esses nomes são a materialização da apropriação dos espaços. Os nomes destas praças, exprimem, também, que os espaços públicos se caracterizam pelos seus usos, tornando-os, sobremaneira, espaços territorializados.

Quanto ao léxico toponímico, em suma, materializam na língua os aspectos internos e externos que contribuem para novas construções de significados dos topônimos. Dessa maneira, esses nomes de praças podem ser tanto modificados de acordo com a intenção do sujeito nomeador num dado momento, quanto podem ser preservados na memória da coletividade e/ou nos muitos discursos que estão por trás desses nomes, gerando interpretações que nos ajudam a compreender sociedade, território, cultura e língua.

Considerações finais

Os nomes das praças de Palmeira dos Índios estão presentes nas diversas interações sociais e discursivas dos indivíduos da cidade. Os seis antropotopônimos: Praça *Humberto Mendes*, Praça *Hélio Teixeira*, Praça *Francisco Cavalcante*, Praça *Moreno Brandão*, Praça *Sebastião Ramos de Oliveira* e Praça *José Bezerra da Silva* podem transparecer diversas singularidades na relação entre língua, cultura e território. Dessa maneira, os nomes desses espaços públicos são referências, representações simbólicas, históricas, identitárias e fortalecem os sentimentos de pertencimento e de aproximação dos moradores com o lugar e com seu *modus vivendi*.

As abordagens argumentadas, neste trabalho, auxiliam para a compreensão do caráter multidisciplinar da Toponímia, bem como, nos faz pensar que a cidade de Palmeira dos Índios, por sua formação histórica e tradições, pode ter muito ainda a nos falar por meio de sua toponímia urbana. Por conseguinte, este artigo põe em evidência que há muitos aspectos nos nomes de praças que se transformam em relações discursivas, produzindo interpretações e efeitos de sentidos que nos ajudam a compreender a sociedade, o sujeito-nomeador e os indivíduos em todas as suas manifestações simbólico-culturais.

Por fim, podemos supor que ao estudar as motivações nos nomes das praças públicas palmeirenses, percebemos que estes nomes podem ser escolhidos a partir de relações internas e externas com o espaço nomeado e, que muitas vezes, estas motivações irão extrapolar a função apenas denominativa de nomear lugar (função locativa). Portanto, os

nomes das praças podem traduzir simbolicamente o espaço geográfico, podem resgatar as singularidades do território, contribuindo para novas construções de significados linguísticos dos topônimos.

Referências

BASTIANI, C.; ANDRADE, K. dos S.; PEREIRA, C. M. R. B. Toponímia e geografia: diálogos possíveis no contexto da teoria da interdisciplinaridade. **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia – MG, v. 19, n. 65, março, p. 109–124. 2018.

CAMARA JR. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 31. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. 126p. ISBN 85.326.0061-1.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica princípios teóricos e modelos taxionômicos**. Tese de Doutorado (Departamento de Linguística e Línguas Orientais - Área de Línguas Indígenas do Brasil) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1980. 387p.

DICK, M. V. P. A. **Motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado. 1990.

DICK, M V P A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**: coletânea de estudos. São Paulo: Fflich-Usp. 1992.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Tradução de Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 2008.

GIDDENS, A. Sociologia. *In*: GIDDENS, A. **Sociedade e Cultura**. 6. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulgenkian, 2008.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**: tudo o que você gostaria de saber e não lhe contaram. 4. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1994.

HAESBERT, R. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. 6. ed., p. 35-80. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Palmeira dos Índios**. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/palmeira-dos-indios/panorama>. Acesso em: 23 fev. 2025.

INDURSKY, F. O enlace entre o pictórico, o político e o textual. **Anais [...]**, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011, p. 1-10. Disponível em: www.cienciasdalinguagem.net/enelin. Acesso em: 22 fev. 2025.

ISQUERDO, A. N. **Toponímia ATEMS**: caminhos metodológicos. V.1, Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2019.

ISQUERDO, A. N. **Toponímia urbana no Brasil**: estudos. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2023.

LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

LEBRÓN, A. What is culture. **Merit Research Journal of Education and Review**. Vol. 1, p. 126-132, july. 2013. Disponível em: <https://meritresearchjournals.org/articles/251707072023>. Acesso em: 03 abr. 2025.

MELO, P. A. G. de. O nome de lugar: possíveis sentidos atribuídos aos topônimos de povoados de Alagoas, **Odisseia**, Natal, RN, n. 14, p. 69-89, jan.-jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/9699>. Acesso em: 19 fev. 2025.

MELO, P. A. G. de. Léxico toponímico: nomes de motivações de natureza Antropocultural na toponímia de alagoas. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**. UNEMAT editora. V. 10, n. 1, jun. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/85308640/L%C3%A9xico_Topon%C3%ADmico_Nomes_De_Motiva%C3%A7%C3%B5es_De_Natureza_Antropocultural_Na_Topon%C3%ADmia_De_Alagoas. Acesso em: 22 fev. 2025.

MELO, P. A. G. **Dicionário Toponímico de Alagoas (DITAL)**: municípios alagoanos e seus nomes. Alagoas: Edição do Autor, 2024a.

MELO, P. A. G. Linguagem, território e cultura: cruzamentos entre a ação humana e a natureza na toponímia alagoana. **Lumen Et Virtus Revista Interdisciplinar de Cultura e Imagem**. V. 15, n. 37, jan./jun, p. 52-71. 2024b. ISSN 2176-4182. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/15295/>. Acesso em: 09 abr. 2025.

MELO, P. A. G. de. Língua e Cultura: marcas línguoculturais no léxico toponímico alagoano na produção do território de Igaci. **Fólio - Revista de Letras**, v. 15, n. 2, jul./dez., p. 217-239. 2024c. ISSN 2176-4182. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v15i2.14604>. Acesso em: 19 fev. 2025.

MELO, P. A. G. **Toponímia alagoana**: recortes e abordagens. Arapiraca: Eduneal, 2025.

MORAES, L. M. B. **Stuart Hall: cultura, identidade e representação**. V. 3, n. 2, p. 167-172. 2019. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.15536/reducarmais.3.2019.167-172.1482>. Acesso em: 19 fev. 2025.

NASCIMENTO, V. do; ANDRADE, K. dos, PEREIRA, C. M. R. B. Toponymy and Cultural Geography: Weaving Threads of Investigation Within the Scope of Interdisciplinarity. **Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 1003-1029, 2018. Disponível em: <https://periodicos.letras.ufmg.br>. Acesso em: 03 abr. 2025.

PEIXOTO, J. A. L. Praça da independência: memórias visuais de Palmeira dos Índios *In*: PEIXOTO, J. A. L., RODRIGUES, Y. F. dos S (org.). **História, imagem e memória de Palmeira dos Índios no acervo do GPHIAL**. Maceió, AL: Editora Olyver, 2019. p. 71-99. ISBN: 978-65-81450-03-8.

RAMOS, R. **Tupiniquim. Toponímia dos municípios baianos**: descrição, história e mudanças. 2008, 327 f. (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, M. O retorno do território. **OSAL: Observatório Social de América Latina**. Ano 6, n.16, jun-2005. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2025.

SAQUET, M. A. Abordagens e concepções de território e territorialidade. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/1795>. Acesso em: 4 mar. 2025.

SILVA, E. B. da. SAQUET, M. A. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão popular, 2007. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 177-182, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateli/article/view/4703>. Acesso em: 4 mar. 2025.

SILVA, M. N. S. da. Território: Uma revisão teórico-conceitual. **InterEspaço**, Grajaú/MA, v. 1, n. 1, p. 49-76, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/interespaco/issue/view/243>. Acesso em: 20 fev. 2025.

TORRES, L. de B. **A terra de Tilixi e Txiliá**: Palmeira dos Índios nos séculos XVIII e XIX. Palmeira dos Índios: [s.n.], 1975.

Sobre os autores

Maria Madalena Moura do Nascimento

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5449-6711>

Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Campus I, Arapiraca, AL. Graduação em Letras-Português - UNEAL. Pós-Graduação em Linguagem e Ensino - UNEAL. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC) - UNEAL, Campus I, Arapiraca, AL.

Pedro Antonio Gomes de Melo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4873-564X>

Doutor em Letras, Área de Concentração Estudos Linguísticos, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor Titular de Graduação da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Campus III; Professor Titular do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC) - UNEAL, Campus I, Arapiraca, AL.

Recebido em abr. 2025.

Aprovado em set. 2025.